

Nome: Lucas Nascimento Machado

Email: lucas.machado@usp.br

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Prof. Dr. Vladimir Pinheiro Safatle

POR QUE FILÓSOFO? OU SOBRE A CONTINUIDADE DA FILOSOFIA ENQUANTO ATIVIDADE

Resumo: Falar da “atualidade da filosofia” pode parecer um contrassenso, se levarmos em conta os diversos ataques que a filosofia sofreu quanto à sua relevância nos últimos tempos, mas também no século passado. A filosofia, segundo alguns de seus detratores, teria se esgotado enquanto uma esfera independente e produtiva de conhecimento, de modo que o discurso filosófico teria perdido todos ou boa parte dos subsídios que lhe permitiriam se justificar e se legitimar enquanto uma forma de discurso que pudesse reivindicar qualquer espécie de validade, que dirá superioridade, frente às outras áreas de conhecimento que se estabeleceram e se firmaram nos últimos séculos. Quer por ser considerada um exercício abstrato e fútil despreendido da realidade, quer por ser concebida como um discurso inerentemente metafísico que já haveria se consumado em todas as suas possibilidades, quer ainda por se tomá-la como uma forma de discurso que pressupõe inerentemente uma certa forma de racionalidade que não seria mais defensável ou mesmo praticável, a filosofia, segundo estes críticos, teria esgotado as suas potencialidades, e não poderia mais acrescentar nada de novo e significativo ao nosso conhecimento. Por isso, seria necessário à filosofia dar lugar a outros tipos de conhecimento ou a outras formas de pensamento.

É nesse sentido, por exemplo, que muitos físicos de grande projeção, tais como Stephen Hawking, Neil deGrasse Tyson e Lawrence Krauss teriam se pronunciado recentemente contra a filosofia, afirmando que ela não teria acompanhado o desenvolvimento da física, ciência a qual, por sua referência à experiência, sua confrontação com os fatos empíricos e seu embasamento na “*hard data*”, seria a área de conhecimento que melhor poderia fornecer respostas às nossas questões fundamentais sobre a natureza. A filosofia, segundo estes autores, teria falhado em oferecer qualquer contribuição significativa nos avanços atuais da física, e, enquanto uma forma de conhecimento capaz de acrescentar qualquer contribuição no nosso conhecimento físico do mundo, estaria obsoleta ou mesmo morta.

É interessante notar que esse diagnóstico, embora acompanhado de um juízo de valor fundamentalmente distinto, não se afasta muito do diagnóstico que o próprio Heidegger, na segunda metade do século XX, emitiu sobre o destino da filosofia em seu *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. Neste artigo, por mais que, sem dúvida, Heidegger compreenda de uma maneira bastante peculiar o que significa o “fim” da filosofia, fica claro que a filosofia, *enquanto metafísica*, tem a sua consumação justamente nas ciências técnicas, as quais passam a ocupar o seu lugar. Tal diagnóstico, antes de se contrapor ao diagnóstico dos cientistas contemporâneos mencionados anteriormente, pelo contrário, conflui perfeitamente com ele: as ciências que têm sua origem na filosofia são a sua consumação, seu aperfeiçoamento e, enquanto tal, tornam uma filosofia que seja distinta da ciência obsoleta, pois é a ciência, e não a filosofia, que é capaz de melhor responder às perguntas que são formuladas pela filosofia, *tais como* são formuladas pela filosofia. A diferença se encontra, contudo, no fato de que, para Heidegger, o fim da filosofia também é a abertura para uma nova forma de pensamento a qual, por colocar em questão a forma com que a filosofia e a ciência formulam as suas questões, ou, em outras palavras, por dirigir-se à *questão do pensamento*, seria a única capaz de pensar uma questão que estaria para além daquilo que poderia ser pensado pela metafísica, ou seja, pela filosofia e pela ciência.

Este reconhecimento ambivalente do esgotamento da filosofia, que não cede, ao mesmo tempo, a uma glorificação irrestrita das ciências, também pode ser encontrado em nossas terras, e particularmente no texto de Gerard Lebrun em resposta à pergunta *por que filósofo*. Neste texto, Lebrun abre com a observação de que *não seria mais possível falar de filosofia em um sentido único, a não ser no sentido institucional, “sócio-cultural” do termo*. Isso porque, segundo Lebrun, a pluralidade de sistemas filosóficos, assim como o avanço progressivo das ciências, impossibilitaria falar da existência da filosofia única, no sentido de uma filosofia que realize a sua pretensão de ser um saber universal e absoluto. A filosofia, em sua pretensão de alcançar universais, fracassa tanto em nos fornecer um conhecimento científico do mundo (e, por isso, tem de sempre evitar ser refutada por este) quanto em nos fornecer um verdadeiro saber absoluto, em chegar de fato a universais. A época em que se podia fazer filosofia crendo na possibilidade de concretização de seu ideal de saber universal já haveria passado. Assim, restaria à filosofia, em seu sentido institucional - único sentido em que se poderia falar da filosofia no singular - ser uma *formação para a inteligibilidade*. Por isso, o historiador da filosofia se separaria do filósofo, renunciando à pesquisa deste

pelo universal, não sendo mais filósofo: a filosofia, enquanto “pesquisa do universal”, daria lugar ao estudo da história da filosofia como formação para a inteligibilidade e como desconstrução do próprio ideal filosófico, desconstrução que levaria mesmo à *completa vitória da antifilosofia*.

Assim, vemos que esses diferentes críticos da filosofia fazem suas críticas a partir de uma perspectiva comum, a saber: a filosofia, *enquanto discurso*, teria esgotado suas potencialidades e a sua capacidade de nos fornecer quaisquer novos e significantes conhecimentos sobre o mundo, sendo essencialmente substituída nessa pretensão pelas ciências. Contudo, os pontos comuns entre essas críticas nos permitem questioná-las de um mesmo ponto de vista, pois a sua pressuposição comum é o fato de que tomam a filosofia meramente ou sobretudo como *discurso*, e atribuem, cada um segundo a sua própria perspectiva, determinadas características e atributos que *definiriam* a esse discurso. Caberia perguntar, porém: quais são os meios pelos quais cada um desses críticos constrói a sua definição de filosofia? Seriam esses meios de uma natureza completamente distinta dos meios de construção filosófica de definições? Ou, pelo contrário, as definições fornecidas desse modo seriam, fundamentalmente, definições construídas *filosoficamente* (e não “cientificamente”, “historicamente” ou “sociologicamente”), contradizendo, portanto, à própria afirmação destes autores de que a filosofia teria se exaurido em sua potencialidade, em sua utilidade e em sua necessidade?

Em nossa apresentação, pretendemos defender a resposta positiva a essa última pergunta, argumentando que, muito antes de ser entendida como um discurso, a filosofia deve ser compreendida sobretudo como uma *atividade*, atividade intimamente ligada ao *trabalho com definições*, à solidariedade inextrincável de construção e problematização de definições, motivo pelo qual qualquer definição da filosofia nunca poderia ser tomada como sendo filosoficamente definitiva. Assim, se a filosofia ainda tem algum papel relevante para a reflexão sobre a nossa atualidade, isso se deve ao fato de que a atividade filosófica, ao mesmo tempo em que não se deixa exaurir por definições da filosofia, também não se deixa recusar enquanto uma atividade fundamental para a reflexão sobre as questões fundamentais que norteiam o debate contemporâneo, inclusive acerca do próprio lugar da filosofia.

Palavras-chave: Filosofia, ciência, discurso, atividade, atualidade.